

A demonstração da existência de Deus como *preambulum fidei* e fundamento dos *preambula fidei* em Tomás de Aquino

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

Introdução

O objetivo do presente texto é mostrar qual o papel preponderante desempenhado pela demonstração racional da existência de Deus na filosofia do Aquinate, concebida como *preambulum fidei*.

Desenvolvemos a nossa temática do seguinte modo. Primeiro, estabeleceremos a importância do conhecimento de Deus na vida e na obra de Frei Tomás. Em seguida, destacaremos que, dentre as coisas concernentes a Deus, a questão da sua existência ocupa um lugar primordial no discurso tomásico. Prosseguiremos acentuando que esta existência é demonstrável pela razão. Salientaremos o fato de que o Deus do qual Tomás demonstra a existência é ser um transcendente, o mesmo Deus que se revelou a Moisés no *Êxodo*. Destacaremos, ademais, mediante inferência feita a partir da prova da existência de Deus, a existência de verdades transcendentais, e a possibilidade, também inclusa na demonstração de um Deus transcendente, de este poder revelar verdades transcendentais, as quais, *ipso facto*, não sendo acessíveis à razão natural, são propostas aos homens para serem cridas. No desenrolar disto, procuraremos apontar para um atributo divino naturalmente cognoscível: a verdade. Tentaremos evidenciar que, sendo Deus a própria verdade, Ele não pode enganar-se e nem enganar-nos e que estes corolários nós podemos admiti-los mediante a razão natural. Posteriormente, voltar-nos-emos para a história, esmerando-nos por tornar patente o fato de que este Deus transcendente, que é a própria verdade, e cuja prova da existência a razão natural pode alcançar, de fato revelou-se aos homens.

Feitas estas considerações, apresentaremos a segunda fase do nosso texto, que se esforçará por atestar a existência, em Tomás, de uma filosofia concebida como *preambulum*

fidei, cujo objetivo precípua é oferecer *razões de credibilidade* ao que é proposto pela fé, e à teologia, a base para que ela se justifique enquanto ciência. Estas *razões de credibilidade* são o que Tomás chama de *preambula fidei*. Faremos isto mostrando, em primeiro lugar, que a fé, em Tomás, pressupõe a natureza; em segundo lugar, demonstrando como fé e razão não podem entrar em contradição, embora pertençam a ordens distintas e como a razão pode prestar auxílios à fé, mesmo no que toca aos mistérios. Decerto, não os demonstrando, mas provando que a fé não contradiz os *princípios naturais* e que os argumentos que pelem contra o que é de fé não passam de críticas aleivasas, fundadas em razões eivadas de erros. Tentaremos, enfim, tornar notório que, inobstante a razão ocupe um lugar importante no ato de fé, mormente quando é conducente à prova da existência de Deus, ela não pode substituir a ação da graça e nem pretende eliminar a fé. Passaremos, então, as considerações finais desta pesquisa, recuperando os seus principais resultados.

Na nossa abordagem, privilegiaremos, entre as obras do autor – em ordem cronológica –, as seguintes: a *Summa contra Gentiles* (1258 a 1264), na tradução brasileira de Odilão Moura, revista recentemente (1996) pelo Prof. Dr. Luis Alberto De Boni; a *Summa Theologiae* (1266-1274) – obra-prima do autor – máxime na sua “*Prima Pars*”, composta entre os anos 1266 a 1272. Transitaremos por ela na nova tradução brasileira que recebeu – empresa de fôlego das *Edições Loyola* – e que resultou no aparecimento de nove volumes, entre os anos de 2001 a 2006. Também lançaremos mão de *La Philosophie au Mon Âge. De Scot Érigène à Guillaume d’Occam* (1922), na versão modificada – *La Philosophie au Mon Âge. Dès Origines Patristiques à la Fin du XIV* – de 1944. A tradução que seguiremos, no caso, será a brasileira, feita por Eduardo Brandão e lançada pela editora *Martins Fontes*, em 1995: *A Filosofia na Idade Média*. Dispostos, ainda, de: *Storia della filosofia – Volume II: Patristica e Scolastica*, do historiador da filosofia Giovanni Reale, com tradução brasileira por Ivo Storniolo, lançada pela *Paulus* em 2003. De Garrigou-Lagrange, na sua versão castelhana por Eugenio S. Melo, editada pelas *Ediciones Desclée*, usaremos, por fim, *La Síntesis Tomista*.

Passemos ao desenvolvimento da nossa temática, começando por analisar a importância da questão sobre Deus na vida e obra de Tomás.

1. Deus na filosofia de Tomás de Aquino

O menino Tomás, no mosteiro de Monte Cassino, teria perguntado a um Abade: “Quem é Deus?”. Ora, sua vida e obra seriam inteiramente dedicadas a responder a esta pergunta. Seu itinerário será conhecer a Deus para transmiti-lo aos outros.¹ Quando trata de Deus, Tomás dá o melhor de si, não é mero aluno de Aristóteles², nem se contenta em seguir a Agostinho ou Anselmo³. Quando fala de Deus, Tomás é simplesmente ele mesmo.⁴ É pouco, diz Ele, o que a filosofia pode dizer sobre Deus; a razão, continua o Frade Dominicano, oferece-nos um conhecimento bastante diminuto das coisas divinas.⁵ Contudo, este minúsculo conhecimento é muito precioso. Para quem tem fome e sede de conhecer algo, qualquer coisa é preferível à simples ignorância. Ademais, conhecer menos o mais perfeito é mais valioso do que conhecer mais o menos perfeito.⁶ Por isso, para Tomás, toda a filosofia se encaminha para o conhecimento de Deus como para o seu fim último⁷, e o espírito humano só alcança a sua

¹ NASCIMENTO, Carlos Arthur R. de. **Santo Tomás de Aquino: O Boi Mudo da Sicília**. São Paulo: EDUSC, 1992. p. 60: “Tomás teria um dia perguntado: ‘Quem é Deus?’. Sua vida foi dedicada inteiramente, de ponta a ponta, a responder esta pergunta. Tomás queria saber quem era Deus e queria transmiti-lo aos outros – ‘contemplar a Deus e transmitir o que contemplou’, como ele próprio escreveu numa passagem célebre da Suma de Teologia (IIº parte da IIº parte, questão 188º, artigo 6º), que se tornou inclusive divisa da Ordem Dominicana.”

² GARRIGOU-LAGRANGE- Réginald. **La Síntesis Tomista**. Trad. Eugenio S. Melo. Buenos Aires: Ediciones Desclee, 1946. p. 15: “Busca sobretudo em Aristóteles, não as últimas questões e mais elevadas da filosofia sobre Deus e sobre a alma, senão os elementos da filosofia, como se pede a Euclides os da geometria (...)”. (A tradução, para o português, é nossa).

³ BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: VOZES, 2000. p. 453: “Neste assunto (a existência de Deus) é-lhe (a Tomás de Aquino) vedado seguir a S. Agostinho ou a S. Anselmo; sua orientação é essencialmente aristotélica”. (Os parênteses são nossos).

⁴ GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 657: “Se se trata de física, de fisiologia ou meteoros, Santo Tomás é apenas aluno de Aristóteles; mas se se trata de Deus, da gênese das coisas e de seu retorno ao criador, santo Tomás é ele mesmo.”

⁵ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. II-II, 2, 4, C: “A razão humana é muito *deficiente* no conhecimento das realidades divinas.”

⁶ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. Trad. Odilão Moura e D. Ludgero Jaspers. Rev. Luis Alberto De Boni. Porto Alegre: Sulina, 1990. v.1. I, V, 5 [32]: “(...) que embora pouco captemos das substâncias superiores, contudo, este pouco é mais amado e desejado que todo conhecimento que temos das substâncias inferiores.”

⁷ *Idem*. *Ibidem*. I, IV, 3(23): “Como o trabalho especulativo de toda a filosofia dirige-se para o conhecimento de Deus, a metafísica – que tem por objeto as verdades divinas – deve ser a última parte da filosofia a ser conhecida.”

perfeição própria ao conhecê-Lo⁸. De sorte que, em Tomás, o conhecimento de Deus constitui-se como o ápice do conhecimento humano.⁹ Sintetiza Garrigou:

A síntese tomista se julga, pois, por seus princípios, pela subordinação destes em relação a um princípio supremo, pela necessidade e universalidade dos mesmos. Ela está iluminada não por uma ideia restringida como seria a ideia da liberdade humana, senão pela ideia mais elevada, a ideia mesma de Deus (*Ego sum qui sum*), de quem tudo depende na ordem do ser e na ordem do obrar, na ordem da natureza e na ordem da graça.¹⁰

Passemos a considerar a existência de Deus como fundamento da teodiceia tomástica.

2. A prova da existência de Deus como fundamento da teodiceia tomástica

Ora, dentre as coisas que a razão nos pode dar a conhecer acerca de Deus, a mais importante é a certeza da sua existência. Dentre as verdades concernentes a Deus e acessíveis à razão, o conhecimento da sua existência ocupa lugar primordial, “(...) pois o que primeiro se deve conhecer de algo é se ele existe”¹¹. O “an sit”, na concepção do Aquinate, é o fundamento de todo o discurso filosófico sobre Deus, a ponto de carecer de eficácia qualquer abordagem sobre Deus que queira prescindir da demonstração da sua existência.¹² Aliás, nisto a razão coincide com a fé, pois também o crente deve crer, antes de tudo, que Deus existe.¹³

Falemos, doravante, acerca da possibilidade e necessidade de uma prova racional da existência de Deus.

⁸ *Idem. Ibidem.* I, V, 5(32): “Conclui-se, pois, do que dissemos, que por mais imperfeito que seja nosso conhecimento das coisas sutilíssimas, ele traz para a alma a máxima perfeição.”

⁹ *Idem. Ibidem.* I, IV, 3(23): “(...) o grau supremo do conhecimento humano, que consiste no conhecimento de Deus.”

¹⁰ GARRIGOU-LAGRANGE. *Op. Cit.* p. 427. (A tradução, para o português, é nossa).

¹¹ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica.* 2, 2, SC: “(...) primum enim quod oportet intelligi de aliquo, est an sit.”

¹² *Idem. Suma Contra os Gentios.* I, IX, 6 [58]: “Entre as verdades que devem ser consideradas acerca de Deus em si mesmo, dever ter precedência, como fundamento necessário que é toda esta obra, o estudo da demonstração de que Deus existe. Se assim não se fizer, toda a explanação sobre as verdades divinas perderá o valor.”

¹³ TOMÁS DE AQUINO. *Exposição Sobre o Credo.* 4ª ed. Trad. D. Odilão Moura. São Paulo: Loyola, 1997. p. 23: “Entre todas as verdades nas quais os fiéis devem acreditar, em primeiro lugar devem acreditar que Deus existe.”

3. *A possibilidade e a necessidade da prova da existência de Deus pela razão*

De fato, a razão pode, sem necessidade de recorrer à fé ou à revelação, provar que Deus é. Na verdade, a razão não só pode como deve demonstrar que Deus existe, pois a sua existência não é evidente para nós (*quoad nos*) que desconhecemos a Sua essência. Sem embargo, não temos como saber, *a priori*, que em Sua essência está incluída a Sua existência.¹⁴ Sendo assim, se a *ratio anselmi* nos é vedada, porquanto esta parte da essência divina para daí deduzir a sua existência; contudo, na perspectiva do Frade de Roccasecca, permanece aberta a via aristotélica, que se eleva dos efeitos sensíveis à causa primeira, e que o próprio Tomás remodelará¹⁵ através das cinco vias (*quinque viis*)¹⁶, mediante as quais julga exequível demonstrar que Deus existe. Não entra no escopo deste estudo uma exposição sobre elas.¹⁷ Digamos apenas o que elas têm em comum: a constatação de uma realidade sensível que nos remete a uma série causal, cuja base é ela (*realidade sensível*) própria e cujo topo é Deus.¹⁸ Em cada um destes caminhos encontra-se o seguinte elo: os entes que a realidade sensível nos atesta não têm em si mesmos a razão suficiente da sua existência, isto é, são contingentes. Por isso mesmo, reclamam uma causa necessária que lhes dê a razão de ser da sua existência.¹⁹

Passemos a considerar a transcendência divina

¹⁴ GILSON. *Op. Cit.* p. 658: “De acordo com a ordem que decidimos seguir, convém partirmos de Deus. A demonstração de sua existência é necessária e possível. É necessária porque a existência de Deus não é evidente; a evidência só seria possível em semelhante matéria se tivéssemos uma noção adequada da essência divina; sua existência apareceria, então, como necessariamente incluída em sua essência.”

¹⁵ *Idem. Ibidem.* p. 658: “Assim, o caminho direto que nos proporcionava o argumento ontológico de santo Anselmo nos é fechado; mas o que Aristóteles indicava permanece aberto para nós. Busquemos, pois, nas coisas sensíveis, cuja natureza é proporcional à nossa, um ponto de apoio para nos elevar a Deus.”

¹⁶ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 2, 3, C: “Pode-se provar a existência de Deus, por cinco vias.”

¹⁷ Para uma exposição sistemática das Cinco Vias remetemos o leitor para a nossa tese de conclusão de Curso: “*As Provas da Existência de Deus em Tomás de Aquino*”.

¹⁸ GILSON. *Op. Cit.* p. 658: “Todas as provas tomistas põem em jogo dois elementos distintos: a constatação de uma realidade sensível que requer uma explicação e a afirmação de uma série causal de que essa realidade é a base e Deus o topo.”

¹⁹ *Idem. Ibidem.* p. 660: “Por mais diversos que sejam na aparência, esses ‘caminhos’ em direção a Deus comunicam-se entre si por um elo secreto. Cada um deles parte, com efeito, da constatação de que, pelo menos sob um de seus aspectos, um determinado ser dado na realidade não contém em si a razão suficiente de sua própria existência.”

4. *A transcendência divina*

Cumprir notar, partindo do resultado obtido nas cinco vias, que o Deus de Tomás é *transcendente*. De fato, na *via do movimento* a conclusão a que se chega é esta: enquanto todos os demais motores são também movidos, o primeiro move, mas não é movido, e não é movido e nem se move porque está plenamente em *ato*: é *Ato Puro*. Assim sendo, ele está fora do devir, posto que já é tudo o que pode ser; não sendo restrito por nenhuma mescla de potência, Ele é a plenitude do ser. Mais: Ele é o próprio *Esse Subsistens*. Possui, por isso mesmo, toda perfeição que compete ao ser em ato (*esse in actu*):

O primeiro Motor, por ser primeiro, não recebe nada de ninguém. Não é um motor entre outros, semelhante aos outros; é, tem de ser, diferente. Quando pensamos nas qualidades que a sua imobilidade pressupõe, compreendemos que estamos diante de qualquer coisa para com a qual todo o respeito é pouco. Como Moisés no alto do Horeb, parece-nos ouvir a voz a dizer-nos: “Descalça as tuas sandálias, porque estás a pisar terreno sagrado. Estamos diante de Deus.”²⁰

Na via das *causas eficientes essencialmente ordenadas*, a primeira causa eficiente causa, mas não é causada.²¹ O Ser necessário da *terceira via* possui em si a razão da sua existência; enquanto os demais são contingentes e podem ser e não-ser, este é e não pode não-ser.²² Na *quarta via*, enquanto os outros seres participam das diversas perfeições, há um ser que é a própria perfeição e possui, *per essentiam*, todas as outras. Portanto, é a perfeição infinita da qual provêm todas as demais perfeições encontradas parcialmente e em graus diversos nos entes finitos.²³ Finalmente, a *quinta via* nos coloca diante de um ser inteligente que, por sua providência, governa e dirige o mundo e cada coisa para o seu fim próprio. Ele, no entanto, por nada é governado e dirigido²⁴:

²⁰ BARROS, Manuel Corrêa de. **Lições de Filosofia Tomista**. Disponível em: <<http://www.microbookstudio.com/mcbarros.htm>>. Acesso em: 23/01/2005.

²¹ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 2, 3, C: “Logo, é necessário afirmar uma causa eficiente primeira, a que todos chamam Deus.” Ora, o que é causa eficiente de todas as coisas não é causado por nada. Trata-se, pois, de uma causa incausada. Enquanto todas as outras causas são também causadas, a primeira causa, mas não é causada.

²² *Idem. Ibidem*. I, 2, 3, C: “Portanto, é necessário afirmar a existência de algo por si mesmo, que não encontra alhures a causa de sua necessidade; mas é causa da necessidade para os outros: o que todos chamam Deus.”

²³ *Idem. Ibidem*. I, 2, 3, C: “Existe então algo que é, para todos os outros entes; causa de ser, de bondade e de toda perfeição: nós o chamamos Deus.”

Chegamos a Deus como Primeira Causa; mas o qualificativo ‘primeira’, muda o sentido da palavra. Como disse logo ao falar da primeira via, Deus não é só a primeira dentre todas as causas; é Primeira Causa em absoluto, Causa transcendente, menos causa do que fonte de causalidade. Da mesma maneira, o Motor imóvel é fonte de toda a atividade; o Ser Necessário é foco de existência, não ser, mas Super-ser. Ficamos sempre sem compreender a eminência que tudo isto tem em Deus. Não atingimos a essência divina. Deus fica, para nós, a nascente inexplorada dum rio que conhecemos.²⁵

Por conseguinte, o Deus que o *metafísico* alcança pela *razão* não é outro senão o *Deus do Êxodo*. Desta conclusão segue-se outra não menos importante, a saber, a de que certas verdades contidas na *revelação*, dentre as quais se inclui a existência de Deus²⁶, podem ser admitidas como *verdades filosóficas*. Na percepção do Frade Mendicante, diante do Deus que a *razão* alcança podemos tirar as sandálias tal como fez Moisés.²⁷ Prova disto é que o Aquinate termina a prova da existência do *primeiro motor* no *Comentário à Física de Aristóteles* com uma *doxologia*:

E assim Aristóteles termina sua discussão geral das coisas naturais com o primeiro princípio de toda a natureza, que é sobre todas as coisas, Deus, bendito seja para sempre. Amém.²⁸

Portanto, na perspectiva de Tomás, o *Deus dos filósofos* é o *Deus do Êxodo*. Aliás, o ponto nevrálgico que faz Tomás reconhecer esta identidade é precisamente o fato de que o *Deus dos filósofos* é o *Ipsum Esse Subsistens*, isto é, o próprio Ser, lugar onde essência e existir não são senão uma só coisa. Ora, não é também SER o nome que Deus revela a Moisés? Gardeil faz notar com que reverência e devoção o Aquinate afirma esta verdade:

²⁴ *Idem. Ibidem.* I, 2, 3, C: “Logo, existe algo inteligente pelo qual todas as coisas naturais são ordenadas ao fim, e a isso nós chamamos Deus.” Se dirige todas as coisas, por ninguém é dirigido. Soberano supremo, a nada está submetido. Os seres contingentes, ao contrário, ao mesmo tempo em que governam também são governados.”

²⁵ BARROS. *Op. Cit.* Disponível em: <<http://www.microbookstudio.com/mcbarros.htm>>. Acesso em: 23/01/2005.

²⁶ GILSON. *Op. Cit.* p. 661: “O metafísico alcança assim, somente pela razão, a verdade filosófica oculta sob o nome que Deus mesmo se deu para fazer-se conhecido do homem: Ego sum qui sum (Êxodo 3, 13).”

²⁷ BARROS. *Op. Cit.* Disponível em: <<http://www.microbookstudio.com/mcbarros.htm>>. Acesso em: 23/01/2005: “Quando pensamos nas qualidades que a sua imobilidade pressupõe, compreendemos que estamos diante de qualquer coisa para com a qual todo o respeito é pouco. Como Moisés no alto do Horeb, parece-nos ouvir a voz a dizer-nos: ‘Descalça as tuas sandálias, porque estás a pisar terreno sagrado’. Estamos diante de Deus.”

²⁸ TOMÁS DE AQUINO. *Comentário à Física de Aristóteles*. VIII, VIII. Disponível em: <<http://www.microbookstudio.com/tomasaquinocomentariosaristoteles.htm>>. Acesso em: 3/07/2005.

Em definitivo, toda a filosofia do ser repousa sobre o reconhecimento da identidade que existe em Deus entre a essência e a existência, identidade que faz dele o ser em plenitude no qual todos os outros seres participam. E S. Tomás reaproxima, não sem um certo lirismo, esta verdade "sublime" da revelação do nome divino no Êxodo: "Sobre esta verdade sublime Moisés foi instruído por Deus, ele que fez ao Senhor esta pergunta: Se os filhos de Israel vierem me perguntar: Qual é seu nome? O que lhes direi? E o Senhor respondeu: Eu sou aquele que sou. Assim falarás aos filhos de Israel: Aquele que é me enviou a vós; e com isto manifestava que seu nome próprio é Quem é. Ora, todo nome tem por fim significar a natureza ou essência de uma coisa. Resta pois que o ser divino é sua essência ou sua natureza.²⁹

Na verdade, o próprio Aquinate faz esta constatação. Antes de ele começar o *respondeo* onde exporá as *cinco vias* na *Summa Theologiae*, portanto, ainda no *sed contra*, afirma que o Deus que se revelou a Moisés nas Escrituras como *Aquele que é*, ser-nos-á possível alcançá-lo também pelas *cinco vias* que passará a expor:

Em sentido contrário, está o que se diz da pessoa de Deus no livro do Êxodo: "Eu sou Aquele que Sou". (...) Pode-se provar a existência de Deus por cinco vias.³⁰

Por isso, se existem atributos divinos que excedem a razão natural, por exemplo, a Trindade³¹, não é menos verdade que há outros, como Deus ser e Deus ser uno, que a razão pode admitir por si.³² O que permanece é o fato de que, em Tomás, sempre que se tratar de Deus, seja para provar a sua existência, seja para inferir os seus atributos, não importa se em teologia natural ou se em teologia revelada, será sempre o Deus de Abraão, Isaac e Jacó, o Deus de Jesus Cristo que se estará buscando.³³

Uma das consequências necessárias da prova da existência do Deus transcendente é a existência de uma ordem de verdades transcendentais e da possibilidade de Ele revelá-las para nós. Passemos a analisar esta possibilidade.

²⁹ GARDEIL. H. D. **Introdução à Filosofia de Santo Tomás de Aquino**. Disponível: <<http://www.microbookstudio.com/gardeilfilosofiatomasaquino.htm>>. Acesso em: 3/07/2005.

³⁰ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 2, 3, SC e C.

³¹ *Idem*. **Suma Contra os Gentios**. I, III, 2 (14): "Algumas são verdades referentes a Deus e que excedem toda a capacidade da razão humana (...)".

³² *Idem*. *Ibidem*: "Outras são aquelas as quais a razão pode admitir, como, por exemplo, Deus ser, Deus ser uno, e outras semelhantes".

³³ NICOLAS, Jean-Hervé. **O Deus Único**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 159: "Quando Sto. Tomás se refere a Deus na *Suma Teológica*, mesmo que seja para estabelecer a sua existência e seus atributos - como se faz também no campo da 'teologia natural' -, trata-se sempre do 'Deus de Abraão e de Jacó', que é também o 'Deus de nosso Senhor Jesus Cristo'."

5. Um Deus transcendente que pode revelar verdades transcendentas

Agora bem, para Tomás, a razão testifica a existência de um Deus transcendente. De sorte que, racionalmente, podemos atestar a possibilidade da existência de uma ordem e verdades transcendentas. Em outras palavras: se a razão pode admitir que exista um Deus transcendente, deve também admitir que não seja impossível que existam verdades que lhe excedam a capacidade e que o único modo de conhecê-las seja crendo, se a Deus aprovar revelá-las. Deve admitir, também, que não é impossível que tenha havido, de fato, uma Revelação divina para o homem e o único acesso seja pela fé.

Ademais, a mesma razão que pode constatar que Deus existe, pode também patentear que Ele é eterno, imutável e a própria Verdade, pois estes atributos divinos são acessíveis à razão e toda teodiceia³⁴ não é senão uma extensão ou um prolongamento das provas da existência de Deus.³⁵ Desta nova constatação, segue-se outro importante corolário. Passemos a considerá-lo.

6. Deus é a própria verdade

Ora bem, dentre os atributos divinos que a razão pode investigar encontra-se a *verdade*. Deus não é somente verdadeiro, mas é a própria verdade. Onde nEle não poder haver falsidade.³⁶ Ora, como, conhecendo a Verdade puríssima, não se submeter a Ela? Sendo Deus quem É, e não podendo haver nele falsidade alguma ou engano³⁷, como não aceitar a sua revelação como verdadeira? De fato, se cremos em verdades que excedem a nossa razão,

³⁴ Por teodiceia entendemos teologia natural, ou seja, aquelas verdades sobre Deus que a razão de per si pode investigar e admitir. Ser Deus a própria verdade é uma verdade que a razão pode alcançar.

³⁵ BARROS. *Op. Cit.* Disponível em: <<http://www.microbookstudio.com/mcbarros.htm>>. Acesso em: 23/01/2005: “Os dois processos, como se vê, estão na dependência estreita das provas que demos da existência de Deus. São o prolongamento, até às suas últimas conseqüências, dos raciocínios que constituem essas provas; o que justifica a expressão tantas vezes repetida de Sertillanges de que a teodicéia não é mais do que uma longa prova da existência de Deus.”

³⁶ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. I, LXI, 1(506): “Ora, Deus não é somente verdadeiro, mas é a própria verdade. Logo, em Deus não pode haver falsidade.”

³⁷ *Idem. Ibidem*. I, LXI, 1(506): “Tendo acima demonstrado, fica esclarecido que Deus é a verdade pura, em que não se pode imiscuir falsidade alguma ou engano.”

isto se deve ao fato de que o Deus que não engana e nem pode enganar-se no-las revelou.³⁸ Com outras palavras, devemos admitir que não é leviano crer nas verdades que Deus revelou, ainda que algumas delas ultrapassem as capacidades das nossas faculdades naturais, porque a existência de um Deus transcendente, bem como a existência de verdades transcendentais, e ainda a certeza de que Deus não engana e não pode enganar-se por ser a própria verdade, tudo isto a nossa razão pode afirmar de modo apodítico.

Neste sentido, Ulrico de Strasburgo, filósofo e teólogo alemão do século XIII e discípulo de Alberto Magno, defende que a teologia – enquanto ciência da fé – pressupõe certos princípios que não seriam os mesmos artigos de fé, mas que, independentes deles, fundamentariam a própria especulação teológica. Ulrico enumera quais sejam estes princípios, reduzindo-os ao máximo: Deus é a verdade suprema e a causa de toda verdade. E, sendo ele a própria verdade, não pode enganar-se e nem nos enganar e tudo o que Ele disser ou afirmar deve ser crido como verdadeiro. Por conseguinte, todos os homens aos quais Deus autenticou por meio de sinais como sendo seus profetas, devem ser dignos de crédito no que eles disserem sobre Deus. Para Ulrico, os artigos de fé estão fundamentados nestes princípios.³⁹

No entanto, Ulrico se distancia de Tomás, porque pensa que estes pressupostos da fé sejam *imediatamente evidentes*. Para Tomás: nem os artigos de fé e nem os seus preâmbulos são imediatamente evidentes *quoad nos*. O que Tomás afirma é que há certas verdades naturais que servem como preâmbulos da fé (*preambula fidei*), fundamentando, de alguma forma, a sua racionalidade. Todavia, para ele, estes mesmos preâmbulos ou princípios devem ser alcançados pelo *raciocínio metafísico*. Ainda que esta justificativa da racionalidade da fé não seja, decerto, a causa de alguém vir a crer nas verdades de fé, ela ajuda, a nosso ver, como que preparar a natureza racional para receber a graça e a virtude infusa da fé. Esta preparação,

³⁸ *Idem. Ibidem.* I, IX, 3(53): “Ora, não cremos em verdades que excedem a capacidade da razão humana, a não ser que tenham sido relevados por Deus.”

³⁹ GILSON. *Op. Cit.* p. 642: “Como tal, a fé se basta, mas não pode ser assim com a teologia, se pelo menos se quiser que ela seja uma ciência. Retomando à sua maneira a idéia de Alano de Lille e de Boécio, ele constata que toda ciência pressupõe regras, isto é, princípios a que se possa referir para rematar as discussões. Nem todos os princípios são igualmente primeiros, e os únicos que o são em absoluto são os imediatamente evidentes. Enquanto ciência da fé, a teologia também pressupõe, pois, princípios primeiros e universais, anteriores aos artigos de fé, evidentes por si mesmos e independentemente da fé. Estes princípios são em número de quatro: Deus é a verdade suprema e causa de toda verdade; essa primeira verdade não pode enganar, nem nos enganar; por conseguinte tudo o que atesta seu testemunho é verdadeiro e deve ser acreditado; deve-se crer em tudo o que dizem aqueles pelos quais Deus prova que é ele quem nos fala confirmando sua palavra por sinais que serão definidos; a Escritura é verdadeira, pois é dessa maneira que Deus no-la transmitiu. Ao contrário das regras, os artigos de fé não são imediatamente evidentes, mas são provados por esses primeiros princípios, e é como fundados por eles que os artigos de fé se tornam objeto de ciência: ‘não se poderia encontrar em nenhum outro escolástico uma exposição dos pressupostos e dos princípios da ciência teológica tão clara quanto esta’ (M. Grabman). (...) Colocar como imediatamente evidente que Deus é a verdade suprema e a causa de toda verdade é admitir que a própria existência de Deus pode ser conhecida com uma certeza próxima da evidência imediata.”

que suspende os impedimentos intelectuais e morais à adesão da fé, a filosofia pode nos fornecer. Deveras, a fé não necessita delas. Inobstante isso, mister é dizer que nem tudo o que não é necessário é inútil!

Passemos a recorrer à história, para verificar se existem sinais que atestem se realmente este Deus transcendente nos revelou verdades transcendentais, as quais devemos assentir pela fé, já que quem as revelou é a própria verdade e, por isso, não pode enganar e nem enganar-nos.

7. *A apologia da história*

Resta saber se, efetivamente, este Deus transcendente, filosoficamente conhecido como existente e como a própria Verdade, de fato, revelou aos homens verdades que lhes sejam transcendentais. Ora, isto só se torna certo pelas evidências históricas. São os milagres ocorridos ao longo da história que provam que o Deus transcendente, mas cognoscível pela razão quanto à sua existência, revelou-se aos homens em Jesus Cristo.⁴⁰ Mais maravilhoso ainda é perceber que Ele se revelou, antes de qualquer coisa, a homens rudes e ignorantes que, tendo sido iluminados pelo Espírito Santo, tornaram-se portadores e transmissores fiéis desta elevadíssima sabedoria.⁴¹ Outrossim, não é de pouca monta notar que muitos sábios e também incautos, tendo deixado para trás os prazeres mundanos, assumiram com tamanho vigor e convicção a fé cristã, que preferiram ser perseguidos e mortos a ter que renegá-la diante dos homens. Assumiram a fé cristã, não coagidos por violência ou por promessas de vanglórias, senão, antes, reprimindo os prazeres e desprezando as honras deste século.⁴² Ter-se-á ainda que aduzir o fato de que, mesmo em nossos dias, milagres evidentes são operados pelos

⁴⁰ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. I, VI, 2 (36): “Ademais, para confirmar as verdades que excedem o conhecimento natural, realizou ações visíveis que superam a capacidade de toda a natureza, como sejam a cura de doenças, ressurreição dos mortos e maravilhosas mudanças nos corpos celestes.”

⁴¹ *Idem. Ibidem*: “Mais maravilhoso ainda é, inspirando as mentes humanas, ter feito que homens ignorantes e rudes, enriquecidos pelos dons do Espírito Santo, adquirissem instantaneamente tão elevada sabedoria e eloquência.”

⁴² *Idem. Ibidem*. I, VI, 2(37): “Depois de termos considerado tais fatos, acrescente-se agora, para a confirmação da eficácia dos mesmos, que uma enorme multidão de homens, não só rudes como também sábios, acorreu para fé cristã. Assim o fizeram, não premidos pela violência de armas, nem pela promessa de prazer, mas também – o que é mais maravilhoso – sofrendo perseguição dos tiranos. Além disso, na fé cristã, são expostas as virtudes que excedem todo o intelecto humano, os prazeres são reprimidos e se ensina o desprezo das coisas do mundo. Ora, terem os espíritos humanos concordado com tudo isto é ainda maior milagre e claro efeito da inspiração divina.”

santos para a confirmação da fé.⁴³ Ora, os milagres são a experiência viva do transcendente na história e tornam patentes não só a sua existência como também a sua presença entre nós.

Passemos a considerar a filosofia de Tomás, doravante, especificamente na sua função de *preambula fidei*, que parece ter sido a missão precípua.

8. *A filosofia como preâmbulo da fé*

8. 1. *A fé pressupõe a razão*

Assim como a primeira verdade de fé proposta ao crente é que Deus existe⁴⁴, assim também a primeira coisa a ser dita ao não-crente é que Deus existe e que a razão o prova, “(...), pois o que primeiro se deve conhecer de algo é se ele existe”⁴⁵. Não se trata, aqui, de uma tentativa infausta de racionalização do dogma, mas de, pela prova racional da existência de Deus, tornar razoável crer nEle, e isto, inobstante o ato de crer ser um dom divino, uma graça de Deus. De fato, enquanto para o crente a fé tem em tudo a primazia, para o não-crente a razão tem, de certo modo, o primado num primeiro momento. Assim é, porque a fé, sendo um ato do intelecto que adere à verdade divina, pressupõe o conhecimento natural dos primeiros princípios da razão, como a graça pressupõe a natureza e a perfeição o que é perfectível.⁴⁶ Destarte, a filosofia pode-se tornar um *preâmbulo da fé*.⁴⁷ Todavia, restará sempre ao homem clamar a Deus para que este lhe conceda a graça da fé divina: “Ora, o próprio ato de crer é um ato do intelecto que adere à verdade divina sob a moção da vontade, que Deus move pela graça”⁴⁸.

⁴³ *Idem. Ibidem.* I, VI, 2(40): “Mais ainda: em nossos dias Deus, por meio dos seus santos, não cessa de operar milagres para a confirmação da fé”

⁴⁴ TOMÁS DE AQUINO. **Exposição Sobre o Credo**. 4ª ed. Trad. Odilão Moura. São Paulo: Loyola, 1981. p. 23: “Entre todas as verdades nas quais os fiéis devem acreditar, *em primeiro lugar devem acreditar que Deus existe.*” (O itálico é nosso).

⁴⁵ *Idem. Suma Teológica.* I, 2, 2, SC.

⁴⁶ *Idem. Ibidem.* I, 2, 2, ad. 1: “A fé pressupõe o conhecimento natural, como a graça pressupõe a natureza, e a perfeição o que é perfectível”.

⁴⁷ REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª. ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2004. p. 213: “Muito se tem discutido sobre se existe ou não uma *razão* autônoma da *fé* em Tomás. A verdade é que em Tomás há uma razão e uma filosofia como *preambula fidei.*”

Sem embargo, máxime quando falamos ao não-crentes, mister é partir da razão, porque é ela que nos une, enquanto a seus princípios todos devem assentir. Por isso, cabe à razão, enquanto universalmente aceita, preparar o terreno para o posterior encaminhamento teológico. Isto se torna claro, quando tomamos o exemplo de exclusão progressiva usado pelo próprio Aquinate:

Por meio delas (*i.é.* das Escrituras), no entanto, podemos disputar contra os judeus, usando do Velho Testamento, e contra os heréticos, usando do Novo. Mas não o podemos contra quem não aceita nenhum dos dois. Por esses motivos, *deve-se recorrer à razão natural, com a qual todos são obrigados a concordar.*⁴⁹

De fato, o que temos em comum com os descrentes, senão a razão? Nada! Logo, como diz Urbano Zilles, “(...) partindo das verdades racionais, é possível o diálogo com os não-cristãos, pois há uma razão natural comum a todos, graças à qual é possível chegar ao conhecimento da verdade, e abrir-se para aquelas verdades que de todo superam o poder da razão humana (...)”⁵⁰. E não é outro, conforme observa Reale, o plano da *Summa Contra Gentiles*, a principal obra apologética do Aquinate:

Na *Suma contra gentiles*, falando a propósito das verdades relativas a Deus, Tomás escreve: “Há algumas verdades que superam todo poder da razão humana, como, por exemplo, a verdade de que Deus é uno e trino. Outras verdades podem ser pensadas pela razão natural, como, por exemplo, as verdades de que Deus existe, de que Deus é uno, e outras mais”. Enquanto, em outras obras, ele expõe conjuntamente as verdades naturais e sobrenaturais, aqui os três primeiros livros são dedicados às verdades que ele considera acessíveis à razão: no primeiro livro, por exemplo, em que fala de Deus, não aborda a questão da Trindade; já as verdades conhecidas somente através da revelação as reúne no quarto livro.⁵¹

Agora bem, a importância da prova da existência de Deus está justamente aqui: ela é o fundamento de todo este conhecimento natural a respeito de Deus, de toda *preambula fidei*. O

⁴⁸ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, 2, 9, C.

⁴⁹ *Idem*. *Suma Contra os Gentios*. I, II, 3 (11). (O parêntese e o itálico são nossos). REALE, ANTISERI. *História da Filosofia: Patrística e Escolástica*. p. 213: “É preciso partir das verdades ‘racionais’, porque é a razão que nos une. Escreve santo Tomás: ‘É necessário recorrer à razão, à qual todos devem assentir’. É sobre essa base que se podem obter os primeiros resultados universais, porque racionais, com base nos quais se pode depois construir um discurso de aprofundamento de caráter teológico.”

⁵⁰ ZILLES, Urbano. *Apresentação à Suma Contra os Gentios*. In: TOMÁS DE AQUINO. *Suma Contra os Gentios*. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v.

⁵¹ REALE, ANTISERI. *História da Filosofia: Patrística e Escolástica*. p. 213.

“an est” é o alicerce da *teodiceia* que, por sua vez, é um *preâmbulo* à teologia. Deve-se, então, dar precedência à demonstração da existência de Deus, sob pena de toda teologia natural perder o seu valor, e a própria teologia ver comprometido o seu caráter científico de universalidade. É o que afirma Frei Tomás:

Entre as verdades que devem ser consideradas, acerca de Deus em si mesmo, dever ter precedência como fundamento necessário que é de toda esta obra, o estudo da demonstração de que Deus existe. Se assim não se fizer, toda a explanação sobre as verdades divinas perderá o valor.⁵²

Do acima disto, segue-se que há verdades essenciais para a salvação humana que o próprio homem, pelas suas faculdades naturais, pode admitir. Estas verdades são como suportes de todas as demais verdades de fé que ultrapassam as forças das nossas faculdades naturais. No entanto, por serem necessárias à salvação, estas verdades, de per si naturais, foram reveladas ao homem. Mas como essas verdades essencialmente naturais, mas reveladas quanto ao modo, podem ser suportes para a nossa fé? Tomemos o exemplo clássico da existência de Deus e da imortalidade da alma. Se Deus não existisse, como poderia salvar-nos? Poderíamos aceitar, não fosse nossa alma imortal, sobrepor os valores do espírito às paixões carnis? E se a alma não fosse imortal, faria algum sentido crer que existe outra vida no além-túmulo? Mas, se é verdade que Deus existe, é transcendente e a própria Verdade, e que, além disso, a alma humana é espiritual e imortal, então fica deveras mais razoável crer no mistério da nossa redenção em Cristo. Ora, todas as verdades agora citadas são acessíveis à nossa razão e é desta forma que, pela razão, podemos obter certa *conveniência* de crer em verdades que, todavia, não podemos entender.

Entre as verdades que são, por si mesmas, acessíveis à razão humana, há algumas que, longe de ser obstáculo à fé, servem-lhe de suporte a ponto de terem sido reveladas e serem inseparáveis da mensagem essencial. Se Deus não existe, se a alma do homem não é espiritual e, por natureza, acima do tempo e da morte, se a inteligência humana não é capaz de verdade, como crer e como compreender Deus e a salvação que o Evangelho anuncia?⁵³

Consideremos, agora de forma específica, a distinção e acordo entre razão e fé.

⁵² TOMÁS DE AQUINO. *Suma Contra os Gentios*. I, IX, 6 [58].

⁵³ MARIE. *Op. Cit.* p. 36:

8. 2. A distinção entre razão e fé

Longe de Tomás, no entanto, querer reduzir a religião cristã ou mesmo a teologia cristã a uma filosofia. Pretender demonstrar filosoficamente os artigos de fé, para Tomás, seria uma leviandade. De acordo com o Aquinate, tal procedimento, antes de convencer os adversários, só confirmá-los-ia em seus erros, pois passariam a supor que nós cremos nos mistérios por razões tão fúteis. Ora, isto, segundo Tomás, dar-lhes-ia matéria para escárnio e não para persuasão.⁵⁴ De fato, pretender esgotar os mistérios contidos nas Escrituras, tentando demonstrá-los pela razão natural seria uma presunção descabida⁵⁵, e a presunção, conforme diz o nosso filósofo, é a mãe do erro⁵⁶. Sem embargo, como querer apreender o *quid est* de Deus, sendo Deus infinito e o nosso espírito finito?⁵⁷

Entretanto, nada mais exato para Tomás do que afirmar e mostrar que a verdade racional não discorda da religião e da fé cristã⁵⁸, pois ainda que as verdades de fé ultrapassem a capacidade da razão natural, elas não contradizem os seus princípios, embora estes princípios não sejam suficientes para apreendê-las⁵⁹. Razão e fé têm uma mesma origem: a sabedoria divina. Esta é a origem tanto dos princípios naturais quanto da revelação das verdades de fé. De forma que, se houvesse contradição entre razão e fé, haveria contradição na própria sabedoria divina, o que não se pode dar.⁶⁰ Ademais, o nosso intelecto não poderia aderir à verdade revelada, se esta se lhe apresentasse sob razões contrárias às dos princípios

⁵⁴ *Idem. Suma Teológica*. I, 46, 2, C: “(...) – Esta consideração é útil para evitar que, pretendendo alguém demonstrar um artigo de fé, aduza argumentos não rigorosos, que dêem aos que não crêem matéria de escárnio, fazendo-os supor que nós cremos o que é de fé por tais argumentos.”

⁵⁵ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Contra os Gentios*. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. IV, I, 9 (3348): “No entanto, sem ter a presunção de conhecê-las perfeitamente, serão comprovadas pela autoridade da Sagrada Escritura, não por razão natural.”

⁵⁶ *Idem. Ibidem*. I, V, 4 (31): “Disto vem também para o homem uma utilidade, qual seja o afastamento da presunção, que é a mãe do erro (*Praesumptionis, quae este mater erroris*).”

⁵⁷ GILSON. *Op. Cit.*. p. 661: “Esse Deus cuja existência afirmamos não nos deixa penetrar o que Ele é. É infinito e nossos espíritos são finitos, portanto devemos contemplá-lo, sem jamais pretendermos esgotar seu conteúdo.”

⁵⁸ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Contra os Gentios*. I, II, 4 (12): “Além disso, ao investigarmos uma verdade, juntamente mostraremos os erros por ela excluídos e como a verdade racional concorda com a fé e a religião cristã.”

⁵⁹ *Idem. Ibidem*. I, VII, 1 (42): “Embora a supracitada verdade da fé cristã exceda a capacidade da razão humana, os princípios que a razão têm postos em si pela natureza não podem ser contrários àquela verdade.”

⁶⁰ *Idem. Ibidem*. I, VII, 3 (44): “Ora, o conhecimento dos princípios naturalmente evidentes é infundido em nós por Deus, pois Deus é o autor da natureza. Por conseguinte, esses princípios estão também contidos na sabedoria divina. Assim também, tudo que é contrário a eles contraria a sabedoria divina e não pode estar em Deus. Logo, as verdades recebidas pela revelação divina não podem ser contrárias ao conhecimento natural.”

naturais⁶¹, visto que num mesmo sujeito não podem subsistir razões contrárias sobre uma mesma coisa⁶².

Qual seria a função da razão diante daquelas verdades que a ultrapassam, já que não pode demonstrá-las? Passemos a considerar isto.

8. 3. *O papel da razão e da filosofia em apologética*

De fato, mesmo em relação a estas verdades, a força da razão não é nula. Com efeito, ela pode e deve demonstrar não exatamente as verdades de fé, mas sim que as verdades de fé não contradizem as verdades racionais. Podemos repelir os ataques dos pagãos, demonstrando não o dogma, mas sim que este não é contraditório à razão.⁶³ Da mesma forma que Kant tenta desclassificar a metafísica, mostrando que os seus argumentos não são conclusivos, Tomás tenta destruir os argumentos dos “anti-metafísicos”, provando que também as suas proposições são inconclusas:

De todos esses raciocínios conclui-se que quaisquer razões que possam ser apresentadas contra as verdades ensinadas pela fé não procedem corretamente dos primeiros princípios conhecidos por si mesmos e vindos da própria natureza. Donde não possuem força demonstrativa, pois não passam de razões prováveis ou sofisticas, que por si mesmas dão motivo para serem destruídas.⁶⁴

Gilson assinala o seguinte papel da razão neste campo: demonstrar que ela mesma não pode concluir nada sobre questões que são estritamente de fé e que, por conseguinte, as filosofias que não aceitam a fé também não podem ser conclusivas:

Assim, ou demonstraremos que essas filosofias se enganam, ou mostraremos que elas acreditavam provar numa matéria em que a

⁶¹ *Idem. Ibidem.* I, VII, 4 (45): “Ora, se razões contrárias fossem em nós infundidas por Deus, o nosso intelecto ficaria impedido de conhecer a verdade. Tal, porém, não pode se dar em Deus.”

⁶² *Idem. Ibidem.*: “Ora, opiniões contrárias sobre uma só coisa não podem subsistir no mesmo sujeito.”

⁶³ A respeito das verdades que excedem a razão: *Idem. Ibidem.* IV, I, 8 (3348): “Mas demonstraremos que elas não são contrárias à razão natural, para defendê-las dos ataques dos infiéis.”

⁶⁴ *Idem. Ibidem.* I, VII, 7 (47).

prova racional é impossível e que, por conseguinte, a decisão deve ficar com a fé.⁶⁵

Os seguintes axiomas são úteis para a compressão do que dizemos: sem uma boa filosofia não existirá uma boa teologia. A fé não anula a razão e a razão não busca substituir a fé. Antes, a fé retifica a razão e a razão ratifica a fé e vice-versa. Por possuírem métodos diversos, filosofia e teologia não podem ser reduzidas a uma mesma ordem. Portanto, filosofia e teologia são ciências autônomas, conquanto, em Tomás, interdependentes.⁶⁶

Falta-nos precisar, pontuando com exatidão, que a fé nunca será um *habitus* adquirido.

9. O concurso da razão não elimina o papel da graça e a fé

Nunca é demais lembrar que a fé é um *habitus infuso* por Deus em nós e que o concurso da razão neste campo pode, no máximo, tirar os obstáculos que dificultam o ato de fé, provando que não é impossível o que a fé propõe.⁶⁷ A razão nos proporciona *juízos de credibilidade* à Revelação e à fé. Mas estes juízos, sem a graça, permanecem ineficazes. Sendo a fé, segundo a sua definição clássica, certo conhecimento das coisas que não se veem⁶⁸, e, sendo que as razões em favor dos artigos de fé não tornam o objeto da fé visível ao intelecto, conclui-se que tais razões não alteram e nem diminuem a natureza sobrenatural da fé.⁶⁹ Embora a ordem das verdades demonstráveis seja *preâmbulos* dos *artigos de fé*, estas verdades não diminuem a *razão da fé*, desde que a vontade, ardendo em *caridade*, permaneça disposta a *crer* nestes *artigos*, ainda que não os tenha apreendido pelas provas.⁷⁰ Por exemplo,

⁶⁵ GILSON. *Op. Cit.*. pp. 656-657.

⁶⁶ REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 6ª ed. Rev. H. Dalbosco e L. Costa. São Paulo: Paulus, 1990. p. 554: “Primeiro, que a teologia retifica a filosofia, não a substitui, assim como a fé orienta a razão, não a elimina, sendo portanto necessária uma correta filosofia para ser possível uma boa teologia. Segundo, a filosofia, como *preambulum fidei*, tem sua autonomia própria, porque é formulada com instrumentos e métodos não assimiláveis aos instrumentos e métodos da teologia.”

⁶⁷ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. II-II, 2, 10, ad 2: “Deve-se dizer que as razões que são induzidas a favor da autoridade da fé não são demonstrações que possam levar o intelecto humano à visão inteligível. E por isso, não deixam de ter por objeto o que não se vê, mas removem os obstáculos à fé, demonstrando que não é impossível o que a fé propõe.”

⁶⁸ **Carta aos Hebreus** 11, 1.

⁶⁹ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. II-II, 2, 10, ad 2: “Portanto, tais razões não diminuem o mérito da fé, nem a natureza da fé.”

quando o homem crê que Deus existe, mesmo que passe a ver que Deus existe pela razão, seu *ato de fé* não perderá o *mérito*, se pelo menos o fundamento da sua crença não estiver na *razão demonstrativa*, mas permanecer na *autoridade divina*.⁷¹

Nenhuma das “justificativas” racionais para a fé é necessária para que haja fé. Ante as mais terríveis perseguições e flagelos, ante os mais sofisticos argumentos aduzidos contra a fé, seja por filósofos ou heréticos: existiram e ainda existirão sempre mártires que creram e sábios⁷² que não cederam de sua convicção. O mérito deles foi ainda maior, pois não só não tinham nenhuma razão imediata para crer, como tinham até mesmo todas as “razões” para deixarem de crer.⁷³ Ademais, nenhum milagre e nenhuma persuasão humana podem garantir que alguém creia. Na verdade, sempre haverá pessoas que não creem em milagres e não se deixam convencer por qualquer argumentação. Logo, quando o homem adere às *verdades sobrenaturais*, a única *razão suficiente* e indispensável pela qual ele adere a elas é a *intervenção* de um *princípio sobrenatural*, qual seja, Deus, que atua no interior do homem, movendo-o por sua *graça*, a fim de que *creia*, por *fé divina* e *voluntariamente* no que Ele lhe deu a conhecer por Revelação.⁷⁴

Na concepção de Tomás, os artigos de fé têm o mesmo papel em teologia que os princípios evidentes da razão em filosofia. Ora, os princípios naturais obedecem a uma certa ordem pela qual uns estão contidos nos outros e todos num primeiro. De maneira análoga acontece com os artigos de fé. Com efeito, eles também estão ordenados de tal forma que os artigos mais específicos estão implicitamente contidos nas primeiras verdades de fé, quais

⁷⁰ *Idem. Ibidem*: “Mas, as razões demonstrativas induzidas a favor das verdades da fé, e que são *preâmbulos aos artigos de fé*, ainda que diminuam a razão da fé, porque tornam evidente o que é proposto, não diminuem a natureza da caridade pela qual a vontade está pronta a crer, mesmo aquilo que não é evidente.”

⁷¹ *Idem. Ibidem*. II-II, 2, 10, ad. 1: “Mas, quando o homem tem vontade de crer as verdades da fé somente pela autoridade divina, mesmo que ele tenha argumento demonstrativo de algumas delas, por exemplo, *da existência de Deus*, isso não elimina nem diminui o mérito da fé.” *Idem. Ibidem*. II-II, 2, 10, C: “(...) o que é de fé, deve-se crer, não por causa da razão humana, mas por causa da autoridade divina.”

⁷² Os sábios são, *ipso facto*, mártires da fé. Num gesto de humildade continuam a crer mesmo sem compreender; justamente eles que dedicam as suas vidas ao conhecimento, são os que resistem até as últimas consequências diante dos mais ardilosos paralogismos lançados contra a fé.

⁷³ *Idem. Ibidem*. II-II, 2, 10, ad 3: “Deve-se dizer que o que se opõe à fé quer seja na argumentação humana quer numa perseguição exterior, aumenta o mérito da fé, na medida em que a vontade se mostra mais pronta e firme na fé. Por isso, como os mártires tiveram maior mérito na fé, não a abandonando por causa das perseguições; também, os sábios têm maior mérito na fé não a abandonando, por causa das razões contra a fé induzidas quer por filósofos quer por heréticos.”

⁷⁴ *Idem. Ibidem*. II-II, 6, 1, C: “Quanto à segunda condição, isto é, o assentimento do homem às verdades da fé, pode-se considerar uma dupla causa: uma que, de fora, induz a crer, como a visão de um milagre; outra, a persuasão por um homem que exorte à fé. Nem uma, nem outra dessas duas causas é suficiente, porque entre os que vêem um e mesmo milagre e entre os ouvintes da mesma pregação, alguns crêem e outros não. Portanto, é preciso admitir outra causa interior, que mova o homem, de dentro, a assentir às verdades de fé. (...) De fato, como o homem, aderindo às verdades de fé, eleva-se acima de sua natureza, é preciso que isso venha a ele por um princípio sobrenatural que o mova interiormente, e esse princípio é Deus.”

sejam, que Deus existe e que pela sua Providência cuida pessoalmente de cada homem em particular. De fato, na verdade da existência de Deus está incluído tudo o que convém ao ser divino. Igualmente, da verdade da Providência Divina podemos deduzir tudo o que esta dispensou para a salvação dos homens. Por exemplo, da fé na redenção podemos chegar à conveniência da Encarnação e à Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.⁷⁵ Entretanto, tal dedução seria impossível à razão humana abandonada a si mesma. Por isso, a fé e as demais *virtudes infusas*, permanecem sendo *conditio sine qua non* para que tal dedução seja possível.

É com base nos argumentos aduzidos acima que Tomás tenta explicar o fato de os artigos de fé terem sido multiplicados com o tempo. Segundo ele, isso se deu em razão de nas primeiras verdades da fé, já estarem virtualmente todas as outras. Com efeito, os pontífices nada mais fizeram além de, sob a inspiração do Espírito Santo, tirarem todas as consequências necessárias dos primeiros artigos, surgindo assim os demais. Quanto à substância, portanto, não houve acréscimos; houve acréscimos somente quanto ao aprofundamento procedente da compreensão dos primeiros artigos de fé.⁷⁶ Agora bem, consentâneo a isso, acreditamos poder dizer com exatidão: se todas as verdades de fé estão incluídas em um artigo primeiro, e, se a primeira coisa em que se deve crer é que Deus existe, então, de certa forma, na existência de Deus estão incluídas, implicitamente, todas as demais verdades de fé. Ora, a existência de Deus é demonstrada pela razão. Logo, pela razão podemos, implicitamente, isto é, confusamente, ter acesso a todas as verdades de fé. Contudo, não podemos perceber, nem temos como fazer as derivações necessárias e nem tirar as consequências desta verdade sem o auxílio da *graça* e da *virtude infusa* da fé. Inobstante isso, no bojo da fé, teremos sempre como perceber ao menos uma ordem de *conveniência* entre os mistérios. É tal percepção do *nexo causal e inteligível* existente entre as verdades de fé, que torna possível a própria *teologia enquanto ciência*. Gostaríamos de citar uma perícopie de Garrigou-Lagrange, que resume bem o que dissemos:

⁷⁵ *Idem. Ibidem.* II-II, 1, 7, C: “Os artigos da fé têm na doutrina da fé o mesmo papel que os princípios evidentes na doutrina que se constrói a partir da razão natural. Nestes princípios, observa-se uma certa ordem pela qual uns estão implicitamente contidos nos outros, enquanto todos se reduzem a este como ao primeiro: ‘É impossível negar e afirmar, simultaneamente’, como está claro no Filósofo, no livro IV da *Metafísica*. Semelhantemente, todos os artigos estão implicitamente contidos em algumas das primeiras verdades de fé, a saber: Deus existe e a sua providência vela pela salvação dos homens, conforme a Carta dos Hebreus: ‘Quem se aproxima de Deus deve crer que ele existe e recompensa os que o procuram’. Com efeito, no ser divino estão incluídas todas as coisas que acreditamos existir eternamente em Deus e nas quais consiste nossa bem-aventurança. Na fé na providência incluem-se todos os bens que Deus dispensa para a salvação dos homens e que são o caminho da bem-aventurança. E, por esta maneira, alguns dos demais artigos subseqüentes, se incluem em outros; como na fé na redenção humana inclui-se implicitamente a encarnação de Cristo e a sua paixão etc.”

⁷⁶ *Idem. Ibidem.*: “Assim, deve-se concluir que, quanto à substância dos artigos de fé, não houve acréscimo no correr dos tempos (...) Mas, quanto à explicação, cresceu o número dos artigos.”

Vê-se por isso que a razão (...) pode demonstrar somente com suas forças a existência em Deus de uma ordem de verdade e de vida que é inacessível para todo conhecimento criado, isto é, de uma ordem de verdades sobrenaturais. Assim que a razão só a capta de uma maneira negativa, como a existência de algo que é naturalmente inacessível.⁷⁷

Conclusão

Vê-se que o fundamento da apologética tomásica possui eixos tão conexos, coesos, que seria impossível separá-los sem fazê-los perder a organicidade: a existência de um Deus transcendente como cognoscível pela razão; portanto, a possibilidade de este mesmo Deus transcendente revelar aos homens verdades que transcendem as suas potências racionais; a identificação deste mesmo Deus transcendente que a razão alcançou, com o Deus da Revelação cristã; e, finalmente, a evidência de ordem histórica de que este Deus transcendente, de fato, revelou-se aos homens em Jesus Cristo. E, sendo Ele a própria verdade, conforme a razão também nos atesta, o que Ele revela, ainda que ultrapasse a razão natural, deve ser aceito como verdadeiro, posto que não pode enganar-se e nem enganar a ninguém. Eis como a razão pode credenciar o ato de fé, mostrando a credibilidade que este ato possui: demonstrando o que é demonstrável na revelação; demonstrando que não é impossível existirem verdades transcendentais e que, por conseguinte, não é leviano crer nelas; enfim, demonstrando que estas verdades que sobrepujam a nossa razão, não a contrariam em seus princípios universalíssimos. Eis como, na perspectiva tomasiana, a razão e a filosofia tornam-se *preambula fidei*. Resume bem Garrigou:

Santo Tomás chega deste modo, mediante seus princípios filosóficos, à verdade revelada do Êxodo (III, 14): *Ego sum qui sum*. Eu sou Aquele que sou. Só Deus pode dizer, não somente: “Eu tenho o ser, a verdade e a vida”, senão também: “Eu sou o mesmo Ser, a Verdade e a Vida”.⁷⁸

Entretanto, esta credibilidade fornecida à fé pela razão é ineficaz, se não houver a intervenção da graça, pois o *motivo formal* do obséquio racional da fé (*rationabile obsequium fidei*) permanece sendo sempre o *Deo revelanti et Deum revelatum*. Portanto, ainda este juízo

⁷⁷ GARRIGOU-LAGRANGE. *Op. Cit.* p. 117. (A tradução, para o português, é nossa).

⁷⁸ *Idem. Op. Cit.* p. 425. (A tradução, para o português, é nossa).

de credibilidade sendo em si mesmo suficiente para que demos a ele a nossa credibilidade natural, para tornar-se eficaz e levar à fé sobrenatural, é *conditio sine qua non* que receba o influxo da graça, pois mesmo o início da fé (*initium fidei*) é uma graça. Sem embargo, somente mediante a graça os *juízos de credibilidade* tornam-se *pius credulitatis affectus*. Ratificamos, a fé é uma *virtude infusa*, cujo objeto formal (*obiectum formale*) é fazer-nos crer nas verdades sobrenaturais pela autoridade do Deus revelador (*propter auctoritatem Dei revelantis*).

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Manuel Corrêa de. **Lições de Filosofia Tomista**. Disponível em: <<http://www.microbookstudio.com/mcbarros.htm>>. Acesso em: 23/01/2005.

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: VOZES, 2000.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 1995.

GARRIGOU-LAGRANGE- Réginald. **La Síntesis Tomista**. Trad. Eugenio S. Melo. Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1946.

GARDEIL, H. D. **Introdução à Filosofia de Santo Tomás de Aquino**. Disponível: <<http://www.microbookstudio.com/gardeilfilosofiatomasaquino.htm>>. Acesso em: 3/07/2005.

JEAN, Hervé Nicolas. **O Deus Único**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

NASCIMENTO, Carlos Arthur R. de. **Santo Tomás de Aquino: O Boi Mudo da Sicília**. São Paulo: EDUSC, 1992.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 6ª ed. Rev. H. Dalbosco e L. Costa. São Paulo: Paulus, 1990.

_____. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª. ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2004.

TOMÁS DE AQUINO. **Comentário a Física de Aristóteles**. Disponível em: <<http://www.microbookstudio.com/tomasquinocomentariosaristoteles.htm>>. Acesso em: 3/07/2005.

_____. **Suma Contra os Gentios.** Trad. Odilão Moura e D. Ludgero Jaspers. Rev. Luis Alberto De Boni. Porto Alegre: Sulina, 1990.

_____. **Suma Contra os Gentios.** Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996.

_____. **Suma Teológica.** Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **Exposição Sobre o Credo.** 4ª ed. Trad. Odilão Moura. São Paulo: Loyola, 1981.

ZILLES, Urbano. **Apresentação à Suma Contra os Gentios.** In: TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios.** Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev. Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v.